

Fernando Távora . As Raízes e os Frutos
caminhos e afloramentos de uma sonhação sobre ser pessoa arquitecto

Fernando Távora supôs, sucessiva e obsessivamente, utilidade na evolução de um livro, um livro de livros – o seu livro, *As Raízes e os Frutos* – como memória da coerência de um sentido de educação, como memória da continuidade ética de um sentido de *projecto* – retrato de uma forma de pensar, movimentar, a *arquitectura de si e dos outros*. Um retrato que, todavia, não saiu de uma ideação em (ba)lanço contínuo de oportunidade ou esperança, ou, talvez mais, de uma sonhação sebastiânica espelhada em notações que, por repetição e recordação continuada, se tomaram de atenção, se infiltraram de uma razão de liberdade, de uma oportunidade de lição, de uma sugestão de voz.

Os seus *projectos* de livro(s) cumpriram-se na obra-de-arquitectura que foi, “é uma oferta à arquitectura, nessa esperança” de que fala Kahn. Ser oferta e ter aquela esperança significou para Fernando Távora que, independentemente do acolhimento da obra construída, esta constitua estação propulsora de cultura arquitectural. A obra não a quis modelo ou cânone, antes oportunidade, suporte móbil de conhecimento de arquitectura. Fora da exclusividade ou destino de obra-monumento ou obra-modelo, “integrar o tesouro da arquitectura” adquire sentido na atenção à obra, descortinando nesta a vocação, o corpo de conhecimento, que a obra metamorfoseia em forma, material, comunicação. Por isso, esse espaço sombra em que se maturou o seu *As Raízes e os Frutos* foi sendo algo entre retorno e imaginação à e da casa de ‘histórias da sua história’ – *circunstância, qualidade, gravidade*.

Fernando Távora . As Raízes e os Frutos — tratar-se-ia, tratou-se, trata-se de pôr a descoberto as dores da libertação do seu fazer-se pessoa (e) arquitecto, do desatar de que forma a condição familiar, os convívios ideológicos, as cumplicidades culturais, em síntese essas *raízes*, marcando a sua forma de fazer mundo, afectaram a sua racionalização do moderno ou, mais do que isso, como condicionaram a hospitalidade esclarecida com que acolheu a condição moderna; como contaminaram os *frutos*, como se contaminaram a bem da qualidade culta que fez evoluir no e pelo seu contributo ao processo da modernidade.

Investigação e trabalho editorial, estudando o *corpus* documental que é suporte à edição e formalização da sonhação-ideação de Távora, movimentaram, movimentam o processo de montagem e escrita em torno de um *projecto* de livro sobre ser arquitecto: *o meu caso*: do isolamento ao acolhimento – amadurecimento, o pensar e o fazer, trabalhoso encontro – *As Raízes e os Frutos* – convivências afloramentos afagamentos. É esse o exacto problema a que tem tocado encontrar-se arquitectura editorial – o problema do como passar a livro recolhendo o que na obra se confiou de uma vida – *As raízes e os frutos*, o como início e o como amanhã, o como sempre ressurge.

Fernando Távora . As Raízes e os Frutos . palavra desenho obra 1937-2001 aborda o mundo de Fernando Távora, na rede das suas várias dimensões. O volume 1, “Caminhos da arquitectura . Arquitectura e circunstância 1937-1947” considera as múltiplas iniciativas e estudos que, em tempo de identificação da vocação mais do que da procura duma originalidade, o jovem Fernando Távora empreende na ânsia de respostas à pergunta – *Porquê uma arquitectura diferente? A nova arquitectura não se formará em duas ou três gerações, como supõem os que supõem ter criado um estilo português. Chegar ao homem que não é máquina de calcular nem existência sem controle.*

Manuel Mendes
*investigação, organização,
notas e coordenação editorial*